

---

## “L'ABSENT DE L'HISTOIRE”: NOTAS SOBRE A CRÍTICA DE MICHEL DE CERTEAU AO FAZER HISTORIOGRÁFICO

## “L'ABSENT DE L'HISTOIRE”: NOTES ABOUT MICHEL DE CERTEAU'S CRITIC ON HISTORIOGRAPHICAL WORK

---

João Rodolfo Munhoz Ohara  
Mestrando em História Social pela UEL. Bolsista da CAPES  
E-mail: [ohara.hal@gmail.com](mailto:ohara.hal@gmail.com)

**RESUMO:** Para Michel de Certeau, o passado é o ausente do texto historiográfico. Nosso trabalho analisa o texto “L’absent de l’Histoire”, publicado em 1973, no qual ele elabora tal ideia. Seguindo a estrutura do texto de Certeau, buscaremos refletir sobre sua crítica ao fazer historiográfico que se desenvolvia no período. Apontamos aqui para a centralidade da ideia de alteridade no pensamento de Certeau expresso no texto analisado; para ele, a narrativa historiográfica é uma representação do Outro que o presente conjurou para fora de seus domínios, encarregando o historiador de vasculhar tal região desconhecida e tornar essa alteridade pensável – mas civilizada.

**PALAVRAS CHAVE:** Michel de Certeau. Escrita da história. Alteridade.

**ABSTRACT:** The past is absent from the historiographical text, says Michel de Certeau. Our paper analyses the text “L’absent de l’Histoire”, published on 1973, where he states such thing. Following the structure of Certeau’s text we aim to think about the critics of Certeau on historiography that he was developing by that time. We pinpoint the major importance of otherness on Certeau’s thought presented by the text we analyse; he says history narrative is a representation of the Other expelled by the present and which the historian aims to understand and transform such otherness in a civilized material.

**KEY WORDS:** Michel de Certeau. Writing of history. Otherness.

### INTRODUÇÃO

*L’absent de l’Histoire* é um texto bastante particular de Michel de Certeau. Publicado em 1973 como conclusão de uma coletânea de artigos homônima (GIARD, 2002, p. 49), o texto em certa medida prefigura sua crítica que viria a ser aprofundada em *L’écriture del’Histoire*, de 1975. De tamanho bastante reduzido, *L’absent* retoma os pontos comuns dos textos que o precediam na coletânea original<sup>1</sup> e coloca em questão as condições de possibilidade do discurso historiográfico moderno (CERTEAU, 2002, p. 211) enquanto um

---

1 Para este trabalho usamos a republicação do texto na coletânea *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*, publicada originalmente em 1987 e reeditada em 2002 com a adição do prefácio “Unchemin non tracé” de Luce Giard. As citações desta e de outras obras em francês foram traduzidas livremente.

discurso que “[...] implica uma relação com *um Outro* que é *ausente*, mas um ausente particular, um que 'já *passou*' [...]” (2002, pp. 210-211). Ele então pergunta: “Qual é então o estatuto desse discurso que se constitui falando de seu outro? Como funciona essa *heterologia* que é a história, logos do Outro?” (2002, p. 211) Seguindo, então, a trilha dessas duas perguntas, Certeau mostra a construção da historiografia segundo o que já aqui ele chama de *operações*, mesmo sem dar à palavra a dimensão conceitual construída mais tarde, em *L'écriture de l'Histoire*.

A escolha desse texto se deu por pensarmos ser um momento fundamental para compreender a obra de Michel de Certeau dedicada à teoria da história. Em parte, a coleção da qual esse texto é a conclusão pode ser considerada como um dos primeiros esforços de Certeau em direção a um trabalho mais teórico – no sentido de se debruçar sobre as condições de produção do conhecimento histórico. Destacamos ainda a publicação em 1974, um ano depois da publicação original de *L'absent*, de *La culture au pluriel*, também uma coletânea, cujo foco era a crítica a uma concepção de cultura pouco atenta às dimensões mais capilares da vivência cultural – e, portanto, também política: percebemos assim que o desenvolvimento da reflexão em torno da dinâmica de produção cultural e do papel político das mesmas não era um tema novo em sua obra.

A concepção de cultura de Certeau, segundo a qual “[...] é preciso que [as] práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza. [...]” (CERTEAU, 1995, p. 141), é marcante em sua concepção de história; para Certeau, a história só se efetua no nível da prática – a prática da pesquisa e a prática da escrita – e, assim, está sempre submetida às relações de força de um campo de poder que lhe é anterior e exterior, tomando de empréstimo o conceito de Pierre Bourdieu<sup>2</sup>.

Da mesma maneira, o saber histórico só se coloca em relação a algo que também é exterior ao próprio saber e à sua prática – uma relação de alteridade estabelecida a partir do momento no qual uma sociedade define com um corte aquilo que lhe é “passado”; em *L'écriture* Certeau diz “[...] Das 'citações', das referências, das notas e de todo o aparelho de remetimentos permanentes a uma linguagem primeira (que Michelet chama de 'crônica'), [a história] se estabelece como *saber do Outro*.” (CERTEAU, 1975, p. 130). Ora, podemos então lembrar deste Outro tanto como o campo profissional do historiador, responsável por legitimar academicamente o discurso produzido, quanto como o passado recortado pela

---

<sup>2</sup>Conviria lembrar que a discussão sobre o conceito de campo é bastante ampla, mas que foge por demais do objetivo deste texto. Para mais, cf. BOURDIEU, 2004 e BOURDIEU, 2007.

sociedade presente desse historiador. Eis que tanto na dimensão social quanto na dimensão epistemológica, a historiografia, para ele, sustenta seu discurso somente em relação ao Outro cujo aparecimento no texto é sempre controlado: socialmente, quando publica uma obra de história, um historiador passa então pelo crivo de seus pares, e tal avaliação, baseada em critérios próprios construídos pela própria prática e também por uma dimensão política, é condição *sinequa non* para o estabelecimento do estatuto historiográfico do texto; epistemologicamente, o material bruto a ser transformado em história é sempre pensado como estando fora de um conjunto entendido como “presente”.

Eis que ao ler essa conclusão republicada fora de seu contexto original, convém levantar um ponto interessante que podemos observar nas obras posteriores de Certeau, seja *La culture au pluriel* ou *L'écriture de l'Histoire*: a crítica a uma concepção de história ao mesmo tempo descarnada (por não considerar suas condições de emergência), em *L'opération Historiographique*, e folclorista, em *La beauté du mort* (por caracterizar o Outro de maneira sempre exótica e buscar nesse “Outro que passou” as relíquias de nossa sociedade).

## **CERTEAU E FOUCAULT: A HISTÓRIA COMO SINGULARIDADE**

Convém também pensar a articulação deste momento em sua historicidade em relação aos seus desenvolvimentos posteriores, supracitados, e também em seus diálogos. Optamos aqui particularmente pelo diálogo com Michel Foucault<sup>3</sup> e os comentários de Paul Veyne sobre Foucault<sup>4</sup> por entendermos uma proximidade na crítica que fazem das relações de poder condicionantes e imbricadas na produção do saber; de perspectivas diferentes e por métodos diferentes, ambos apontam todo o mecanismo presente na fabricação do discurso historiográfico.

Neste sentido, gostaríamos de deixar evidente que essa é apenas uma das várias leituras possíveis da obra de Certeau, e que nossas escolhas são necessariamente arbitrárias, por mais argumentos que se possa usar para justificá-las, uma vez que o sentido do texto lhe é sempre exterior, dado a partir das práticas e da apropriação. Seguindo, então, tal crítica pela qual Certeau aponta o ocultamento dos mecanismos atuantes na produção do saber, pensamos que tal evidência nos coloca em maior contato, e um contato criticamente fiel, em relação

---

3 Particularmente a partir de “A Ordem do Discurso” (1996) e de entrevistas publicadas na coleção “Ditos e Escritos”.

4 Particularmente “Foucault, seu pensamento, sua pessoa”.

à sua obra.<sup>5</sup>

Sem perder muito tempo discutindo pormenores do diálogo Certeau-Foucault, o que nos importa aqui é pensar o saber historiográfico contemporâneo como uma singularidade<sup>6</sup>, com suas regras e seu jogo sempre parcial e contingencial, e instrumentalizar o próprio conceito de *singularidade* como referência para o trabalho da pesquisa histórica. As consequências dessa postura são várias: pensar o passado como uma alteridade singular significa abrir mão de uma teleologia explícita (no sentido causal) ou implícita (como divinação às avessas), tomando a diferença como ferramenta para entender tanto a si mesmo quanto ao outro (algo aproximado do que Foucault chamaria de *ontologia do presente*<sup>7</sup>). Por teleologia explícita, pensamos aqui em um tipo de história preocupada com as origens e com as causas dos fenômenos, privilegiando quase sempre uma dimensão da experiência histórica como fator explicativo de todo o processo; um exemplo seriam as explicações da Revolução Francesa meramente em termos econômicos ou políticos. A divinação às avessas que caracteriza um outro tipo de teleologia se refere, então, a considerar o desenrolar dos eventos como natural e óbvio, ignorando as relações de força de determinado período e toda uma outra série de condições de possibilidade imponderáveis ao historiador.

Tomar essa postura significa também abrir mão de uma concepção de verdade enquanto uma totalidade a ser desvelada pela soma das verdades parciais construídas ao longo do tempo<sup>8</sup>, uma vez que consideramos o sentido como exterior às coisas; se, portanto, não existe a possibilidade de uma metafísica do mundo, e se todo sentido é necessariamente construído pelos homens, chegamos ao ponto onde a verdade e a mentira deixam de fazer parte do jogo discursivo, cabendo então apenas análise das lutas em torno da emergência dos discursos. Partimos então do conceito de discurso em Foucault, a partir do qual se entende que mais do que verdades parciais, cada sociedade produziu em seu tempo discursos sobre um núcleo mais ou menos empírico cuja verdade é total em si mesma mas incapaz de abarcar e compreender aquele núcleo empírico que pretende representar.<sup>9</sup> Pensamos aqui em articular tal concepção ao pensamento de Certeau, buscando analisar as ferramentas da historiografia

---

5 Outras duas perspectivas importantes podem ser encontradas em: CARRARD, 2001; AZEVEDO e TEIXEIRA, 2008.

6 Para uma discussão aprofundada do conceito de singularidade, cf. VEYNE, 2011; VEYNE, 1998; CERTEAU, 1972.

7 Um ótimo artigo sobre o conceito de “ontologia crítica do presente” é o texto de Foucault sobre “O que é Esclarecimento?” de Kant, publicado no segundo volume da coleção “Ditos e Escritos” (FOUCAULT, 2000). Também cf. CASTRO, 2009.

8 Para mais a esse respeito, cf. VEYNE, 2011; FOUCAULT, 1996; FOUCAULT, 2006.

9 Cf. a polêmica em torno da loucura e as respostas de Foucault à questão; FOUCAULT, 2002.

que ele situa como mecanismos cuja função é absorver a alteridade do passado, tornando-a pensável e inteligível (CERTEAU, 2002, p. 212): todo um fenômeno se coloca, então, submetido a uma taxonomia do presente que caracteriza tal passado como exótico em relação a esse presente.

## O AUSENTE DA HISTÓRIA

Voltando ao texto de *L'absent*, Certeau lembra que a historiografia coloca como o dado fundador de seu saber o corte a partir do qual uma sociedade se define como diferente de seu passado – a partir de então seu Outro. Esse corte fundador pode ser descrito como uma construção identitária: uma sociedade exclui as práticas que já não lhe são próprias, ou melhor, que ela entende que não lhe são próprias, fundando o lugar dos ancestrais. Assim, o papel social da história seria investigar essas “[...] regiões exteriores à circunscrição do presente [...]” (2002, p. 211), levar ordem a essa região inexplorada e desconhecida, e “[...] trazer o outro ao campo de uma compreensão presente, e por consequência eliminar a alteridade que parecia ser o postulado da empreitada. [...]” (2002, pp. 211-212).

Impondo a esse passado barbarizado as categorias colonizadoras do saber presente, o historiador busca *compreender* esse passado no duplo sentido do termo: entender e cercar; ele constrói, com o texto historiográfico, uma representação desse passado, no sentido mesmo de simbolizar a ausência desse Outro tal como uma lápide ou uma efígie. Como sabemos, em *L'écriture de l'Histoire*, essa idéia será desenvolvida no sentido de conceber a história como uma espécie de túmulo no qual uma sociedade honra e enterra aquilo que passou:

O Outro é o fantasma da historiografia. O objeto que ela busca, honra e enterra. [...] ‘A única busca histórica do ‘sentido’ permanece, com efeito, a do Outro’, mas tal projeto, contraditório, visa ‘compreender’ e ocultar com o ‘sentido’ a alteridade desse estranho, ou, o que vem a ser o mesmo, acalmar os mortos que ainda frequentam o presente e lhes oferecer túmulos escriturários. (CERTEAU, 1975, p. 15).

Tal fantasma de que fala Certeau é aquele cujo discurso social necessariamente corta de si e conjura para suas margens. Nesse sentido, esse Outro exilado se torna então uma entidade ou uma região desconhecida, misteriosa, sobre a qual o historiador caminhará e, a partir de seus estudos, apreenderá um sentido e civilizará. Tal discurso colonizador, tornado possível somente porque a alteridade foi criada, busca fagocitar o Outro, englobá-lo e

compreendê-lo (no duplo sentido do termo) em suas categorias, tornando-o pensável. Esse Outro expulso retorna<sup>10</sup>, então, mas sob o manto do exótico; trata-se aqui de apontar diferenças e semelhanças sempre com a entonação do espanto: seja pela fórmula do bárbaro, enquanto ser rude, incivilizado, ou seja pela fórmula do gênio, aquele que “já preconizava determinado avanço” ou que “já naquela época comungava com certa característica que encontramos hoje”.

É assim que Certeau caracteriza o fundamento do ofício historiográfico: construir representações, túmulos, sepultando a alteridade que lhe é, ao mesmo tempo, sua condição. E é a partir de seu lugar de trabalho que o historiador ainda

[...] tria, corta, reclassifica e desloca os documentos segundo as regras relativas às operações e aos códigos de leitura. [...] Os significantes dispersos na cultura e qualificados por ela como “antigos” são deslocados segundo as pertinências, dispostos segundo uma ordem, transformados em objetos tratáveis. [...] (CERTEAU, 2002, p. 212).

Toda uma operação é evidenciada nessa passagem. Ela é bastante significativa porque denuncia a dimensão prática do ofício historiográfico; aquilo que faz o historiador, a história, não é o passado em si, mas o produto de uma série de operações, uma encenação bastante particular. Tal encenação “[...] joga com a *verossimilhança do Outro* [...]” (2002, p. 213), marcando a alteridade com “[...] o uso sistemático de datas, de nomes, de citações [...]” (2002, p. 213), recursos necessariamente literários, enquanto, ao mesmo tempo, reduz racionalmente essa alteridade ao desmembrá-la e rearranjá-la segundo uma lógica que lhe era alheia, uma lógica da historiografia do presente.

Ora, essa verossimilhança com a qual joga o historiador não é inocente; os efeitos de real que o texto historiográfico produz buscam construir credibilidade. Certeau aponta, então, para o que chama de *contrato* segundo o qual “[...] um público que quer um exótico, mas certificado e garantido pelas competências [...]” (2002, p. 213) procura na história essa encenação garantida por um aparato nada ingênuo de legitimação do qual os diplomas, os títulos e as citações são apenas alguns exemplos. Constitui-se um grupo responsável por falar de maneira legítima desse Outro; estabelecem-se os critérios segundo o qual um relato será ou não aceito, cria-se uma hierarquia da pesquisa na qual certos temas e certos centros de

---

<sup>10</sup>Vê-se aqui a afinidade de Certeau com as categorias psicanalíticas, particularmente relativas ao pensamento de Lacan. A coletânea “*Histoire et Psychanalyse*” conta com um capítulo no qual Certeau se debruça especificamente sobre a obra de Lacan.

pesquisa se sobrepõem aos outros, estabelece-se um *campo*, nos termos de Bourdieu, uma região na qual cada elemento está sempre localizado em relação aos outros que compõem o mesmo campo<sup>11</sup>, e cujas regras e relações de força são sempre anteriores àquele que deseja adentrar tal lugar social. Submetido a tais regras, o indivíduo pode então assinar seu relato como um relato historiográfico, um relato portador da verdade a respeito dos costumes de um passado sepultado. Sua narrativa, necessariamente literária, representará o passado na medida em que se apoiará no uso sistemático de documentação e análise segundo os critérios que lhe são impostos pelo campo historiográfico.

O caráter literário da história em Certeau, entretanto, não aponta para a descrença no saber histórico. Parece-nos bem claro que a denúncia das limitações do relato histórico em Certeau se coloca em um plano no qual a crítica passa pela constatação desses limites; cientes das relações de poder em torno de seu trabalho, os historiadores podem então trabalhar com elas e explicitá-las ao leitor, de maneira a desnaturalizar a representação que ele constrói e evidenciar a operação responsável por transformar o passado, alteridade irreduzível, em texto. Neste sentido, e conforme o próprio Certeau colocará mais adiante em *L'absent*, o discurso historiográfico apresenta essa tensão pela qual deve usar de artifícios literários para narrar o produto de uma pesquisa necessariamente ligada a um método particular<sup>12</sup>: “[...] O texto historiográfico combina então a racionalidade da explicação e a narrativa literária que fala do Outro [...]” (CERTEAU, 2002, p. 214).

Eis que esse discurso, esse lugar de contato entre o Mesmo e o Outro se coloca, enfim, a serviço de poderes. Expropriado das ferramentas para produzir e legitimar seu trabalho, o historiador deve sempre recorrer ao campo, responsável por gerenciar os arquivos, as instituições de ensino e pesquisa, as editoras e todo o circuito de divulgação. Submetido a essa rede de autoridades, o pesquisador se vê constrangido pelo conjunto de regras que lhe são anteriores e às quais ele deve se ajustar. Seu texto é sempre a narrativa de um grupo que está sendo construída a partir de vestígios produzidos por alguém (primeiro nível de poder) e selecionados pelo historiador (segundo nível de poder).

A narrativa historiográfica, nesse sentido, “[...] é uma narrativa que o poder então articula, segundo uma ordem estabelecida, as zonas marginais que escapam às normas explicativas de uma sociedade [...]” (2002, pp. 214-215). Assim, a alteridade já desarmada

---

11 Sobre o conceito de campo, cf. BOURDIEU, 2007; BOURDIEU, 2004.

12 Convém dizer aqui também que por “método particular” não entendemos algo como um “método único”, mas sim no sentido mesmo do próprio tratamento das fontes, às quais o historiador coloca suas perguntas. Cf. discussão expandida em: REYNOLDS e FITZPATRICK, 1999.

pela racionalidade técnica se vê instrumentalizada de acordo com as posições do historiador. Já não é o revolucionário, o trabalhador ou qualquer outro “agente” do passado quem fala no texto, mas o historiador, que se apropria, cerca essa alteridade e a coloca sempre em relação a seu projeto: tal “agente” é sempre tomado como ignorante em relação à sua situação, a qual a racionalidade do historiador vem desvendar.

Na tensão entre aquilo que diz a fonte e aquilo que o historiador faz com que ela diga por uma série de cortes e deslocamentos, a análise do objeto encontra um imperativo ético<sup>13</sup>. Este não se estabelece aqui como um compromisso com a Verdade transcendente e atemporal, mas com relação a todo um campo político que cerca a produção de seu texto. Por ser sempre parcial, sua narrativa há de entrar em atrito com os discursos de outros grupos acerca de um mesmo período, de um mesmo fenômeno social – seja na forma de um debate entre historiadores de formações ou posicionamentos divergentes, seja na forma de um combate com aqueles que se julgam guardiões da memória de um grupo vitimizado. Assim, o historiador estará sempre em relação com outras interpretações que também se pretendem verdadeiras acerca do passado, e o peso que atribuir (ou deixar de atribuir) a determinada categoria será então tratado no campo da ética quando tal grupo enfatizado ou ofuscado operar sua crítica da narrativa<sup>14</sup>.

## **O PAPEL DESESTABILIZADOR DO OUTRO**

A seguir no seu texto, Certeau retoma o romance Robinson Crusó para refletir sobre o caráter desconcertante do encontro com o Outro. A obra serve de metáfora a duas ideias que nos parecem centrais: a constituição de duas esferas distintas (a racionalidade e a ficção) e os vestígios deixados pelo Outro. Para tanto, ele narra a desestabilização da racionalidade técnica criada por Robinson em sua ilha a partir de quando ele encontra passos marcados na areia da praia. A uma sequência de pesadelos e de desordem, segue-se que o Outro é finalmente tomado e escravizado. Como Certeau coloca,

Essa estranha divisão da técnica e do pesadelo parece já desenhar os lugares que ocuparão respectivamente, no século XIX, a ciência econômica e a

---

13 Basta aqui lembrar das querelas em torno do que se chamou de “revisão” em torno da Shoah na historiografia contemporânea.

14 Esse combate “ético” pode tomar proporções maiores ou menores em razão da projeção do tema tratado. Um dos temas clássicos em torno do qual operam tais conflitos é o já citado holocausto judeu (ou Shoah).



interpretação dos sonhos. [...] a racionalidade (econômica) e a ficção (do sonho). [...] (2002, p. 216).

Assim, Robinson Crusoe se encontraria no mesmo lugar que o historiador: no lugar de contato entre o Mesmo (si mesmo) e o Outro (Vendredi, ou o passado). Os passos na areia, ou as fontes, são aquilo que materializa o corte com a alteridade; frente a esse material que resiste sempre à assimilação Certeau mostra como a historiografia que lhe era contemporânea se comporta e a que operações essa historiografia submete essa alteridade. Nesse sentido, tudo que o historiador produz é apenas uma “[...] metáfora da ausência [...]” (2002, p. 217), uma narrativa que honra e enterra, exorciza um morto, uma alteridade. Metáfora da ausência porque o Outro de que trata a narrativa não está no texto; trata-se de uma representação.

Assim como uma efígie<sup>15</sup>, o texto representa a ausência na medida em que traz para o mundo social mais uma vez aquela alteridade expurgada pelo presente. Transforma a morte em um fenômeno social em torno do qual se constituem práticas rituais. É com o texto historiográfico que o presente representa aquilo que considera como ancestral; é por meio da obra do historiador, que desde Michelet ambiciona dar voz aos mortos, que o presente acessa o passado representado. Eis que esse jogo de verossimilhança borra a fronteira entre aquilo que passou e aquilo que se representa do que passou<sup>16</sup>.

Com relação a essa concepção de historiografia como representação de um passado “morto”, pode-se objetar que com o advento da história do tempo presente, com a história imediata e com o crescente campo de pesquisas na área do ensino de história, essa perspectiva esteja ultrapassada, uma vez que o próprio corte fundador desse passado já não está mais tão distante. Se considerarmos a alteridade, o passado e a morte como algo necessariamente longínquo no tempo, talvez essa objeção faça sentido. Mas a própria reflexão de Certeau sobre o cotidiano, mais tarde, em *L'invention du Quotidien*<sup>17</sup>, e todas as implicações que ela traz para a reflexão da teoria da história, relacionando-se com seus escritos anteriores, levam a crer que essa alteridade, essa ausência se refere mais àquilo que o historiador problematiza do que a um passado necessariamente distante.

Tomando como exemplo a obra do próprio Certeau, a alteridade que o historiador

---

15 Sobre o caráter de indicação da ausência pela representação, cf. GINZBURG, 2001, especialmente o capítulo 3, “Representação: a palavra, a idéia, a coisa” (p. 85-103); RICOEUR, 2000.

16 O próprio Certeau aponta para o duplo sentido da palavra “história”, enquanto passado ou enquanto discurso que representa o passado. Cf. CERTEAU, 1975, p. 435, nota 2. A discussão também se encontra em: CHARTIER, 2009.

17 Minha referência será a edição de 1990 pela série Folio Essais da Gallimard.

busca apreender se apresenta, em *L'invention du Quotidien*, como uma série de práticas contemporâneas ao próprio pesquisador: trata-se de analisar o caminhar pela cidade, o ler, o cozinhar. Nesse sentido, a alteridade poderia tomar um sentido mais abrangente em relação ao tempo, abarcando uma alteridade quase etnográfica – ou seja, contemporânea ao historiador mas ainda assim apartada do mesmo.

Não cabe, no entanto, refletir aqui sobre esse ponto, desenvolvido por Certeau em outros lugares. Interessa-nos pensar, seguindo o texto que nos propusemos a analisar, a centralidade da ideia de alteridade para a concepção de história de Michel de Certeau: o Outro passado e o Outro presente, ambos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. O Outro passado como aquilo que o historiador toma como objeto; o Outro presente como o lugar social, o campo a partir do qual o historiador pronuncia seu discurso.

A história aqui, assim como a etnografia, paralelo sempre retomado por Certeau, toma a diferença e a alteridade em si como objetos de estudo. Os diálogos dessa perspectiva são inúmeros: pela via que optamos, ao encarar os discursos como singularidades e usar do pensamento foucaultiano para efetuar a crítica do fazer historiográfico, o papel da responsabilidade ética com a alteridade ganha importância capital. Tamanha importância porque evidencia que a produção de sentido é sempre construída de maneira exterior ao que se chama de passado; o fenômeno não está dado, é o historiador quem lhe impõe uma significação.

Nesse sentido, *L'absent de l'Histoire* problematiza tanto o corte fundador dessa alteridade quanto o encontro do historiador com esse Outro, e nos chama a atenção para a manipulação desses vestígios na construção desse *túmulo escriturário*. É com o texto historiográfico que o historiador dá lugar ao que passou: o exótico, agora civilizado, pode ser visto por sua efígie. Essa representação busca dar a conhecer o passado ao presente, e há quem tome a representação pelo representado; para Certeau, a distância entre as duas esferas é bem clara: o passado é o ausente da história.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. F.; TEIXEIRA, F. C.. Escrita da história e representação: sobre o papel da imaginação do sujeito na operação historiográfica. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, jan./jun. 2008, pp. 68-90.

BLANCHOT, M. *Uma Voz Vinda de Outro Lugar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- CARRARD, P. History as a Kind of Writing: Michel de Certeau and the poetics of historiography. *The South Atlantic Quarterly*. Durham, v. 100, n. 2, 2001, pp. 465-482.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CERTEAU, M. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. L'absent de l'Histoire. In: \_\_\_\_\_. *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. 2ª ed. Paris: Gallimard, 2002.
- \_\_\_\_\_. *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990. Folio essais.
- \_\_\_\_\_. *L'Écriture de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- \_\_\_\_\_. Une Épistemologie de Transition: Paul Veyne. *Annales ESC*. Paris, 27º ano, n. 6, 1972, pp. 1317-1327.
- CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DOSSE, F. *A História à prova do tempo*. São Paulo: Unesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Michel de Certeau: le marcheur blessé*. Paris: La Découverte, 2002.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 (Ditos & Escritos, 2).
- \_\_\_\_\_. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (Coleção Ditos & Escritos, 1).
- \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Coleção Ditos & Escritos, 5).
- GIARD, L. Un chemin non tracé. In: CERTEAU, M. *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. 2ª ed. Paris: Gallimard, 2002.
- GINZBURG, C. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- REYNOLDS, B.; FITZPATRICK, J. The Transversality of Michel de Certeau: Foucault's panoptic discourse and the cartographic impulse. *Diacritics*. Baltimore, v. 29, n. 3, 1999, pp.

63-80.

RICOEUR, P. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales HSS*. Paris, 55º ano, n. 4, 2000, pp. 731-747.

VEYNE, P. *Como se Escreve a História; Foucault Revoluciona a História*. 4ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.